

DINÂMICAS COLONIAIS NAS MIGRAÇÕES: ALEMÃES NO PARAGUAI

COLONIAL DYNAMICS IN MIGRATION: GERMANS IN PARAGUAY

DINÁMICA COLONIAL EN LA MIGRACIÓN: ALEMANES EN PARAGUAY

Sindy Holanda Oliveira¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre os processos de colonialidade que permeiam os fenômenos migratórios contemporâneos, destacando as desigualdades nas condições, categorização e tratamento diferenciados de diversos fluxos migratórios. Argumento que, assim como outras dinâmicas sociais, as migrações são intrinsecamente moldadas por assimetrias de poder, que determinam não apenas os motivos do deslocamento, mas também a experiência e o acolhimento dos migrantes. A partir de um exemplo etnográfico extraído de minha pesquisa de doutorado sobre a comunidade alemã no Paraguai, demonstro como o perfil étnico-racial e a classe social dos migrantes podem influenciar drasticamente suas experiências, diferenciando-se do quadro de vulnerabilidade frequentemente associado aos processos migratórios. Esta análise revela o tratamento privilegiado concedido aos imigrantes germânicos no Paraguai, evidenciando as dinâmicas coloniais que eles perpetuam em suas interações com as populações nativas. Esse fenômeno contrasta fortemente com as condições enfrentadas por migrantes em fluxos contemporâneos massivos, onde a vulnerabilidade e a marginalização predominam. Ao examinar essas disparidades, torna-se evidente que as experiências migratórias são profundamente influenciadas por hierarquias de poder e privilégio, que refletem e reforçam legados coloniais ainda presentes nas relações globais.

Palavras-chave: Colonialidade; Desigualdades migratórias; Alemães; Paraguai.

Abstract: This article offers a critical reflection on the processes of coloniality that permeate contemporary migration phenomena, highlighting the inequalities in the conditions, categorization, and differential treatment of various migratory flows. I argue that, like other social dynamics, migrations are intrinsically shaped by power asymmetries that determine not only the reasons for displacement but also the experiences and reception of migrants. Drawing from an ethnographic example based on my doctoral research on the German community in Paraguay, I demonstrate how the ethnic-racial profile and social class of migrants can drastically influence their experiences, distinguishing them from the vulnerability often associated with migratory processes. This analysis reveals the privileged treatment granted to German immigrants in Paraguay, highlighting the colonial dynamics they perpetuate in their interactions with the native populations. This phenomenon starkly

¹ Doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora membro do Laboratório de Estudos da Violência (LEV-UFC) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Migrações (GEPIMIG- UFF). E-mail: sindyholanda20@gmail.com

contrasts with the conditions faced by migrants in contemporary mass migrations, where vulnerability and marginalization prevail. By examining these disparities, it becomes evident that migratory experiences are profoundly influenced by hierarchies of power and privilege, which reflect and reinforce colonial legacies still present in global relations.

Keywords: Coloniality; Migration Inequalities; Germans; Paraguay.

Resumen: Este artículo propone una reflexión crítica sobre los procesos de colonialidad que permean los fenómenos migratorios contemporáneos, destacando las desigualdades en las condiciones, categorización y tratamiento diferenciado de los distintos flujos migratorios. Sostengo que, al igual que otras dinámicas sociales, la migración está intrínsecamente determinada por asimetrías de poder, que determinan no sólo las razones del desplazamiento, sino también la experiencia y la recepción de los migrantes. Utilizando un ejemplo etnográfico tomado de mi investigación doctoral sobre la comunidad alemana en Paraguay, demuestro cómo el perfil étnico-racial y la clase social de los migrantes pueden influir drásticamente en sus experiencias, diferenciándolos del marco de vulnerabilidad frecuentemente asociado a los procesos migratorios. Este análisis revela el trato privilegiado otorgado a los inmigrantes germánicos en Paraguay, destacando la dinámica colonial que perpetúan en sus interacciones con las poblaciones nativas. Este fenómeno contrasta marcadamente con las condiciones que enfrentan los migrantes en los flujos masivos contemporáneos, donde predominan la vulnerabilidad y la marginación. Al examinar estas disparidades, resulta evidente que las experiencias migratorias están profundamente influenciadas por jerarquías de poder y privilegios, que reflejan y refuerzan los legados coloniales aún presentes en las relaciones globales.

Palabras clave: Colonialidad; Desigualdades migratorias; alemanes; Paraguay.

INTRODUÇÃO

“Que unos se muevan sin complicación implica que otros se tengan que quedar anclados.”

Daniel Rey Salazar

Imagine, cara leitora, o tumultuoso século das migrações, uma era marcada por deslocamentos forçados e tragédias humanitárias. Vivemos imersos em debates sobre a “crise dos refugiados” na Europa, as migrações venezuelanas na América do Sul e a presença dos magrebinos na França, onde as vulnerabilidades socioeconômicas e políticas desses fenômenos são notavelmente destacadas. Em meio a essa torrente de movimentos, incontáveis vidas se perdem na tentativa desesperada de cruzar fronteiras, como a do pequeno Alan Kurdi, o menino sírio de apenas três anos cujo corpo sem vida foi encontrado na costa turca em 2015, uma imagem que se tornou um símbolo doloroso da denominada “crise dos refugiados”.

Os próprios termos “crise migratória” e “crise dos refugiados” devem ser analisados criticamente, pois revelam mais do que uma simples referência a fluxos migratórios forçados; eles constituem, na verdade, um sintoma da colonialidade que permeia os processos migratórios contemporâneos. Utilizados por governos, mídia e organismos internacionais para descrever grandes movimentos de refugiados e deslocados, essas expressões carregam uma carga política e ideológica que obscurece as verdadeiras causas subjacentes à migração. Ao focar na migração como o problema central, tais termos desviam a atenção das profundas causas estruturais que impulsionam os deslocamentos, como guerras, perseguições políticas, crises econômicas — frequentemente provocadas pelas potências do Norte Global — e mudanças climáticas. Ao enquadrar a migração como uma “crise”, o discurso hegemônico reforça uma perspectiva securitária, na qual os migrantes são vistos como ameaças à ordem social e econômica dos países de destino. Esse enfoque não só alimenta a xenofobia e justifica o fechamento de fronteiras, como também culpabiliza e marginaliza populações inteiras, em vez de responsabilizar as estruturas globais que originam essas situações.

Ademais, a noção de “crise” projeta os países de destino, especialmente os do Norte Global, como os mais impactados, invisibilizando as condições extremamente precárias enfrentadas pelos países de origem e trânsito. Essa abordagem também desconsidera o papel histórico das potências ocidentais na produção das próprias crises que desencadeiam esses deslocamentos em massa, seja por meio de intervenções militares, exploração econômica ou degradação ambiental. Assim, longe de ser apenas um fenômeno emergencial, a migração forçada deve ser compreendida como resultado de desigualdades estruturais globais e políticas de exclusão que perpetuam a vulnerabilidade dos migrantes, enquanto mantêm uma ordem internacional injusta e desigual.

Essa narrativa trágica é ilustrada ainda pelas mais de 40 mil pessoas resgatadas no Mar Egeu somente no ano de 2015, conforme relatado pelo governo turco. Outro exemplo (entre muitos) de desumanidade, que choca com a noção de civilização tão frequentemente reivindicada pela Europa, ocorreu quando autoridades gregas abandonaram à deriva 1.072 refugiados requerentes de asilo, condenando-os à morte. Esse fato, ocorrido em pelo menos 31 expulsões distintas, foi revelado por uma análise de evidências conduzida pelo *The New York Times* (Kingsley; Shoumali, 2020). Este panorama revela um cenário de desespero e desamparo, onde a busca por segurança e dignidade frequentemente encontra um fim trágico.

Os milhares de imigrantes centro-americanos indocumentados (guatemaltecos, hondurenhos, salvadorenhos) que tentam cruzar as fronteiras mexicanas para chegar aos Estados Unidos — um país da “liberdade” que ergue um muro fronteiriço para conter a entrada de imigrantes — também confirmam as duras condições enfrentadas pelos imigrantes na busca por uma vida melhor. Nessa trajetória, muitos desses imigrantes morrem. No período de 2009 a 2016, em relação aos corpos encontrados principalmente no Arizona e no Texas, constatou-se que as principais causas de morte durante as tentativas de cruzar a fronteira foram, respectivamente: causas não especificadas – 1.090; desidratação – 690; afogamento – 307; acidente – 83; hipotermia – 13; e morte natural associada a uma doença – 13 (Souza; Silva; Cury, 2021, p. 738). As adversidades encontradas no caminho migratório são, antes de tudo, produzidas por obstáculos jurídicos e físicos impostos pelo Estado norte-americano, que também são replicados pelo México. Devido à sua forte dependência econômica dos Estados Unidos, o México torna-se vulnerável para pleitear políticas migratórias do vizinho do norte, aceitando policiar e barrar os grupos centro-americanos que chegam à sua fronteira sul (Souza; Silva; Cury, 2021). A chamada “crise migratória” demonstra de maneira muito nítida que, na era moderna, o conceito de “vida” tornou-se central na articulação do poder, substituindo o antigo direito soberano de vida e morte. Agora, a soberania exerce um novo tipo de controle: o poder de “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 1999).

A “crise migratória” contemporânea, frequentemente reduzida a uma questão de fluxo de pessoas em busca de melhores condições de vida, é, na verdade, um reflexo das complexas e interconectadas dinâmicas de poder que caracterizam o sistema internacional. As intervenções militares, econômicas e políticas promovidas por grandes potências em regiões da América Latina e do Oriente Médio não apenas desestabilizam esses territórios, mas também exacerbam as desigualdades históricas, agravando a exclusão social e a marginalização de vastos segmentos populacionais.

Na América Latina, políticas de extração de recursos, golpes apoiados por forças externas e a imposição de modelos econômicos neoliberais têm devastado economias locais, provocando desintegração social e a erosão de formas tradicionais de sustento. No Oriente Médio, as guerras prolongadas, muitas vezes alimentadas por interesses estratégicos de potências globais, e o conseqüente colapso de Estados-nação têm gerado um êxodo massivo de populações em busca de refúgio.

Assim, a migração forçada emerge não como uma escolha individual, mas como uma resposta coletiva à destruição do tecido social e econômico, com raízes profundas nas dinâmicas neocoloniais e nas violências estruturais perpetuadas pelas nações mais poderosas. Esses movimentos populacionais, então, devem ser entendidos como uma consequência direta das políticas imperialistas e das guerras por procuração que moldam a geopolítica contemporânea, revelando a responsabilidade histórica e moral das grandes potências na perpetuação dessas crises.

A nação é um discurso hegemônico no qual forças disputam para representá-la com base em mitos. A imigração é frequentemente vista como uma ofensa ao cidadão nacional, e o imigrante carrega o fardo do seu “crime original” de deslocar-se para um “território que não lhe pertence” (Sayad, 2004). Desse modo, o Estado desempenha um papel crucial nos processos migratórios e, por consequência, na sua análise, sendo o único que pode conceder ou recusar a nacionalidade. É ele quem concede ou não o direito a ter direitos. Considerando a imigração como um processo histórico de dominação entre Estados, ela interessa ao Estado Nacional na sua atividade legítima de manutenção da ordem nacional, evidenciando a politização das questões migratórias. Laacher destaca que

A primeira tendência consiste em fazer da imigração uma problemática de polícia de Estado. Trata-se de constituí-la como um negócio de Estado, portanto, de soberania e, para o cotidiano, um negócio de gestão policial. A força, a eficácia e a credibilidade destes dois poderes construíram-se, em parte, na sua capacidade conjugada de regular e disciplinar os fluxos e contingentes migratórios. Esta operação não só tem o efeito de mostrar o Estado em ação ou “fazer número”, como dizem os policiais (expulsões...); ela é também a manifestação de uma vontade simbólica: preserva-se dos “de fora” selecionar o “intruso” e controlar os “presentes”. As mesmas condições são necessárias tanto para preservar seu “ser nacional” quanto para manter a oposição (de direito e de fato) entre o nacional e o não-nacional como princípio de discriminação positiva para os nacionais. O Estado é evidentemente um dispositivo central neste trabalho de homologação de fronteiras espaciais e simbólicas e de direitos estabelecidos: delimitação de fronteiras atribuição da nacionalidade etc. (Laacher, 2004, p.7).

Um questionamento pertinente para essa discussão é: quais critérios o Estado utiliza para decidir qual “intruso” aceitar? Sabemos que as relações internacionais são intrinsecamente moldadas por assimetrias de poder, e o fim das administrações coloniais não implicou o desaparecimento das hegemonias e hierarquias coloniais historicamente estabelecidas. Em outras palavras, a classificação racial ainda serve como critério para distinguir o dominador do dominado (Quijano, 2005). As estruturas raciais formuladas durante a constituição da modernidade continuam a exercer uma influência profunda e se

manifestam de maneira significativa nas dinâmicas migratórias. As políticas migratórias e culturais da União Europeia (e, também, dos Estados Unidos da América) reproduzem mecanismos de exclusão e hierarquização que perpetuam os processos de colonialidade (Silva; Piseta, 2019, p. 30).

O movimento dos ex-colonizados em direção às sociedades metropolitanas, ao outro lado da linha abissal (Santos, 2009), é visto como uma transgressão e enfrenta sanções disciplinares, como evidenciado nos exemplos atuais de migrações. A situação de exclusão e hierarquização que afeta os imigrantes do Sul Global na União Europeia atesta a perpetuação dos processos de colonialidade, sustentados por estruturas de poder que se baseiam em normas e instituições (Freitas, 2021, p. 32).

Após o fim da II Guerra Mundial, em um contexto de Europa fragilizada pelo conflito, muitos países europeus (Alemanha, França, Reino Unido etc.) importaram mão de obra para a reconstrução dessas nações. Conforme Freitas (2017, p. 38-39), a Alemanha recorreu aos trabalhadores turcos, os *gastarbeiters*, que possuíam vistos temporários e não podiam trazer suas famílias. Em contrapartida, britânicos e franceses buscaram força de trabalho em suas colônias ou ex-colônias. No Reino Unido, essa mão de obra veio principalmente de países da Comunidade das Nações, como indianos, paquistaneses, jamaicanos e também do leste europeu. Já na França, destacou-se o grande número de imigrantes argelinos provenientes de suas antigas colônias (FREITAS, 2021, p. 32).

Se tomarmos os casos alemão e francês como exemplos, percebemos que há entre os nacionais um sentimento de rejeição em relação aos imigrantes turcos e argelinos, apesar do papel fundamental que esses imigrantes desempenham no desenvolvimento desses países. No caso da França, mesmo após 114 anos de colonização da Argélia, os imigrantes ainda são vistos como uma ameaça. Nesse contexto, é pertinente questionar: os indivíduos se movem pelo mundo com igualdade de tratamento? Observar o tratamento hostil dispensado aos imigrantes do Sul Global revela inúmeras injustiças. No entanto, o objetivo deste texto é justamente lançar um olhar para o outro lado da moeda, ou seja, refletir sobre experiências nas quais os imigrantes não estão em posições de vulnerabilidade e opressão, mas sim de privilégio e, em alguns casos, como opressores.

Como funcionam as dinâmicas dos imigrantes do Norte Global para o Sul Global? Ser “imigrado” não se reduz a uma condição social; é uma condição ontológica, que se refere tanto a uma maneira de estar no mundo quanto a uma maneira de estar no mundo dos outros,

traduzindo-se em uma dificuldade permanente de habitá-lo e de ser habitado por ele” (Laacher, 2004, p. 9). Contudo, estar no mundo do outro nem sempre é sinônimo de vulnerabilidade; isso depende de quem são esses outros. Os migrantes em Palomino, Colômbia, relatam uma trajetória de mobilidade caracterizada por grande liberdade, paz e conexão com a natureza. Eles afirmam estar em um lugar sem fronteiras. Em “El mar que se quedó sin playa: blanquitud, paisaje y turismo en Palomino, Guajira”, Daniel Rey Salazar levanta questões importantes para refletirmos sobre a posicionalidade do migrante.

De hecho, sienten que Palomino es justamente un lugar donde se diluyen las fronteras. Un lugar donde la ‘ausencia’ del Estado da libertad. Esta sensación me hace pensar ¿A qué cuerpos se les permite vivir *sin fronteras*? ¿Las personas con las que hablé lo afirman como si se tratase de un asunto de mentalidad, de una perspectiva a asumir ante la vida? ¿No tendrá que ver, en alguna medida, con tener un pasaporte robusto que no exija tramitar y pagar altos costos para adquirir visas para viajar? ¿No tendrá que ver con que por como se ven no causan sospecha en los aeropuertos? Esos que dicen que creen en un mundo sin fronteras ¿No son acaso los mismos que solo se junta con otros que hablan su mismo idioma, se ven de una forma concreta, escuchan la misma música y hablan de tópicos parecidos? (Salazar, 2023, p.32)

Trarei à reflexão o caso dos alemães nas Colônias Unidas, em Itapúa, Paraguai. Trata-se de uma imigração contrafluxo, concomitante às migrações mencionadas anteriormente, que apresenta uma configuração distinta, denunciando o caráter colonial que permeia as imigrações. O fenômeno migratório, em suas dinâmicas e configurações, depende de quem é o migrante; em outras palavras, o poder de se mover com liberdade distingue um migrante nigeriano de um turista inglês (Salazar, 2023, p. 63).

ALEMÃES NAS COLÔNIAS UNIDAS

Os imigrantes sobre os quais irei dissertar são alemães provenientes de diversas regiões da Alemanha, como Baviera, Hamburgo, Renânia do Norte-Vestefália e Berlim, que, principalmente após o início da pandemia da Covid-19, se dirigiram às Colônias Unidas. Essas são cidades rurais situadas no sul do Paraguai, fundadas nas primeiras décadas do século XX por teuto-brasileiros. Bella Vista (1932), Hohenau (1927) e Obligado (1930) são as cidades que compõem as Colônias Unidas, localizadas no departamento de Itapúa e atualmente com aproximadamente 45 mil habitantes. A questão migratória emerge como um elemento central na narrativa histórica desses municípios e do próprio departamento, que é conhecido como o “pote das raças”.

A complexa diversidade étnica e cultural da população resulta principalmente da imigração de diferentes grupos europeus, como alemães, suíços, russos e ucranianos, que se estabeleceram na região durante o século XX. Além disso, a área conta com comunidades indígenas Guarani e outras minorias étnicas. A economia das Colônias Unidas é predominantemente agrícola e pecuária, com destaque para a produção de soja, milho, erva-mate, além do gado. A perpetuação das tradições agrícolas transmitidas pelos ancestrais imigrantes é notável, e a cor avermelhada do solo, juntamente com os vastos campos verdes, são características marcantes das cidades.

Embora as cidades da América do Sul sejam marcadas por uma rica diversidade étnica e cultural, observa-se que certas localidades, especialmente as de origem europeia, gozam de maior prestígio do que outras. Nas Colônias Unidas, assim como em outras regiões do continente, persiste a ideia de que as migrações europeias, por si só, trazem progresso às sociedades latino-americanas que as acolhem, sustentadas por uma suposta superioridade civilizacional. Como discuti em *Sem vacina, sem impostos e sem muçulmanos: o paraíso verde dos alemães* (HOLANDA OLIVEIRA, 2023), essa percepção continua a ser propagada, refletindo uma hierarquização das culturas que privilegia as influências europeias em detrimento das tradições locais e indígenas.

Durante uma entrevista sobre o recente fluxo migratório, Enrique Hahn, ex-prefeito de Hohenau, uma das cidades que compõem as colônias unidas, expressou que “sabemos que eles (os migrantes alemães) têm uma visão mais avançada que a do povo do Paraguai e podem contribuir muito” (tradução da autora) (HOLANDA OLIVEIRA, 2023). Essa declaração reflete uma narrativa profundamente enraizada que associa os migrantes europeus ao progresso e ao desenvolvimento, com base em uma construção social que atribui valor superior à europeidade. Tal discurso evidencia a perpetuação de hierarquias coloniais, onde o “outro” europeu é concebido como portador de uma modernidade intrínseca, que supostamente falta à população local. Essa visão, portanto, não apenas naturaliza desigualdades, mas também reforça a ideia de que o desenvolvimento e o progresso são inerentemente externos, vinculados à chegada de sujeitos europeus, minimizando as capacidades e agências locais.

Foi nessa região de céu límpido e terra avermelhada que, após o surgimento da pandemia da Covid-19, novos imigrantes europeus se estabeleceram. A presença é tão marcante que ganhou destaque na mídia internacional. Durante 2021 e 2022, vários meios

de comunicação proeminentes abordaram a questão das novas ondas migratórias, relatando uma “invasão do território paraguaio pelos alemães” ou uma “fuga de antivacinas para o Paraguai”. De acordo com dados da Direção Geral de Migração do Paraguai, entre junho de 2021 e fevereiro de 2022, foram concedidas 1.324 autorizações de residência a imigrantes alemães (BBC NEWS, 2022), número que não inclui imigrantes indocumentados, que, segundo as autoridades paraguaias, têm chegado em número crescente através das fronteiras bolivianas. Um visitante nas Colônias Unidas provavelmente ficará impressionado com a marcante presença da cultura alemã nas cidades, em parte instaurada pelos fundadores teuto-paraguaios e mantida por seus descendentes, mas agora também impulsionada pelos novos imigrantes.

Ao caminhar pelas ruas das três cidades, além de observar muitas famílias falando alemão, nota-se também uma arquitetura que remete à estética alemã em prédios, casas, hospitais, hotéis, restaurantes, museus e centros culturais. Uniformes escolares de estilo alemão e frases em alemão, como nos letreiros de boas-vindas das cidades, são comuns. Anúncios de vendas de terrenos, feitos por imobiliárias alemãs já instaladas nas Colônias ou por paraguaios que “aproveitaram a oportunidade para vender suas terras para os alemães” (Entrevista com Heitor, 2023), também são frequentes.

Esse cenário gerou um acalorado debate midiático, levantando questões importantes sobre as razões que levam indivíduos de uma nação com um estado de bem-estar social avançado, como a Alemanha, a migrar para um dos países mais desiguais da América do Sul, o Paraguai.

Figura 1- Anúncio de venda de terreno por empresa alemã em Bella Vista.



Fonte: Sindy Holanda Oliveira, 2023

Ao examinar as narrativas dos imigrantes, percebi que os principais motivos que influenciam a decisão de deixar a Alemanha podem ser resumidos nos seguintes elementos: 1. Desconforto com a presença de comunidades muçulmanas no país; 2. Obrigatoriedade da vacina e outras políticas de saúde relacionadas à Covid-19; 3. Insatisfação com a carga tributária e a burocracia na Alemanha; 4. Desacordo com o que é percebido como uma imposição da “ideologia de gênero”.

Sobre a primeira razão, pode-se afirmar que os muçulmanos são vistos pelos imigrantes alemães nas Colônias Unidas como uma ameaça cultural, étnica, demográfica e religiosa. Exemplos dessas percepções são evidenciados pelos seguintes trechos: “As mulheres muçulmanas se reproduzem como ratos e o Estado alemão tem que sustentar todas essas crianças” (Entrevista com Maud, 2023); “Os muçulmanos são agressivos, não respeitam as mulheres, as veem apenas como objetos sexuais” (Entrevista com Olga, 2023); “Não tenho nada contra os imigrantes muçulmanos, desde que não atirem em mim” (Entrevista com Gabriel, 2023); e “Eu diria que 75% dos problemas da Alemanha hoje são

causados por muçulmanos. A solução seria deportá-los todos, mas o problema é que eles têm passaportes alemães. Eles estão na Alemanha como parasitas, hoje são maioria e têm muito apoio dos alemães” (Entrevista com Felipe, 2023).

A respeito da segunda razão, observa-se uma forte desconfiança em relação à pandemia da Covid-19 e à vacinação contra a doença. Alguns imigrantes, ao serem questionados sobre a vacina, recusavam-se a falar sobre o assunto ou esquivavam-se da questão. Outros, por outro lado, afirmavam como uma forma de resistência política que a vacina era uma ferramenta para assassinar as pessoas. Alguns negavam a existência da Covid-19, enquanto outros alegavam que a doença foi inventada e disseminada intencionalmente.

Quando questionada sobre a motivação e quem estaria assassinando a população com a vacina, Olga (uma interlocutora autodeclarada nazista) afirmou que se tratava de um complô global contra a “raça branca” – referindo-se exclusivamente aos germânicos. Segundo ela, judeus, muçulmanos e comunistas seriam os protagonistas desse plano de genocídio, parte de uma elite global com o objetivo de eliminar os alemães devido à sua superioridade civilizacional. “A vacina já matou mais de 200 mil pessoas na Alemanha”, dizia Olga.

A forte imigração de muçulmanos para a Europa e até mesmo as medidas para o controle da crise climática são apontadas por alguns alemães como estratégias para enfraquecer a Alemanha. Laura (Entrevista, 2023), uma *Querdenker*², pergunta: “Por que você acha que há tantas restrições e manifestações contra a indústria na Alemanha? Aquela pirralha Greta, por exemplo...” Laura diz que não há crise climática; “as mudanças que vemos são cíclicas e fazem parte da natureza do planeta. Eles inventaram essa narrativa para enfraquecer as indústrias da Alemanha e nos tornar mais vulneráveis economicamente. Tudo faz parte do plano.” Essas narrativas refletem uma compreensão distorcida e conspiratória da realidade, destacando a manipulação da informação e a resistência contra as narrativas

² Querdenker é um termo originalmente positivo na língua alemã, designando indivíduos que pensam de maneira não convencional, desafiando normas estabelecidas e trazendo à tona abordagens inovadoras para problemas complexos. Contudo, a partir de 2020, o termo foi ressignificado no contexto sociopolítico alemão, especialmente durante a pandemia de COVID-19. Passou a identificar um movimento heterogêneo de oposição às medidas sanitárias governamentais, englobando desde cidadãos preocupados com liberdades civis até grupos extremistas de direita e teóricos da conspiração. Este movimento, que se caracteriza por uma rejeição ao consenso científico e por posições antissistema, reflete dinâmicas de desconfiança nas instituições democráticas e um ressurgimento de discursos polarizadores na esfera pública alemã. Também são conhecidos como Lateral Thinkers.

históricas estabelecidas. Para o antissemita, o modelo para explicar o mundo é, geralmente, a teoria da conspiração (Adorno, 2020).

Entre as supostas ameaças àquilo que chamam de “raça branca”, os interlocutores desta investigação incluem o que denominam “ideologia de gênero”, considerada o quarto motivo mais citado para a migração. Maud, uma das entrevistadas, exemplifica esse pensamento: “Veja só, é uma questão lógica: os muçulmanos têm um filho por ano às custas do governo, enquanto os alemães são doutrinados na escola por professores que ensinam que se casar com uma cadeira é normal e que você pode escolher dentre 72 gêneros qual quer ser. Assim, não sobrarão nenhum alemão de verdade no país; aliás, quase já não há” (Entrevista com Maud, 2023). Nesse contexto, o governo alemão é percebido pelos imigrantes como cúmplice de uma elite global que visa sua eliminação, além de ser acusado de tornar a vida dos cidadãos insuportável com altas taxas e impostos — outra razão migratória frequentemente mencionada, além de regras que eles consideram “desnecessárias”.

Ao analisar as motivações que levam esses indivíduos a deixar seu país, observamos que essas razões diferem significativamente das de outros fluxos migratórios contemporâneos. A intolerância em relação ao “outro”, seja ele muçulmano ou membro da comunidade LGBTQIA+, emerge como um motor central dessa migração. As teorias conspiratórias que esses imigrantes reapropriam e reelaboram, muitas delas derivadas de narrativas preexistentes, evidenciam o caráter colonialista de sua ideologia. Ao “monstrificar” grupos historicamente estigmatizados, como muçulmanos e judeus, esses imigrantes reiteram uma lógica política de exclusão.

Esse processo de “monstrificação”, como observado por Arjana (2015), é uma estratégia que visa a produção de corpos puníveis. Sob essa ótica, se judeus, muçulmanos e comunistas são percebidos como portadores de comportamentos amorais que provocam indignação e aversão social, eles são então identificados como inimigos a serem excluídos e, em última instância, exterminados. Trata-se de uma estratégia violenta e legitimada para lidar com comunidades consideradas indesejadas, reforçando uma lógica de dominação que remonta às práticas colonialistas. A escolha do Paraguai como destino revela outra faceta do colonialismo presente nessa imigração: a fantasia colonial.

FANTASIAS E DINÂMICAS COLONIAIS

Liberdade, natureza, pureza e paz. Esses conceitos emergem frequentemente no discurso dos imigrantes alemães das Colônias Unidas ao descreverem suas motivações para escolher o Paraguai como lar e ambiente para criar seus filhos. Para esses imigrantes, o Paraguai é retratado como um paraíso verdejante, em oposição à corrupção percebida como prevalente na Europa. Ao articularem essa visão, muitos afirmam encontrar uma consonância entre seus valores e os do país sul-americano. Um exemplo é a expressão de orgulho nacional, onde “aqui nas Colônias Unidas podemos nos orgulhar de ser alemães e hastear nossa bandeira, algo que não podemos fazer na Alemanha” (Entrevista com Olga, 2023). Além disso, destacam o valor atribuído à família, considerando-o um reflexo do caráter cristão da sociedade paraguaia.

Curiosamente, muitos desses imigrantes revelam que, antes de decidirem mudar-se, sequer tinham conhecimento da existência do Paraguai, como confessado por uma entrevistada: “Eu não sabia onde se localizava o Paraguai no mapa antes de vir para cá” (Entrevista com Olga, 2023). Essa narrativa evoca uma analogia com o discurso colonial dos conquistadores europeus na América, onde a chegada a novas terras era concebida como um “descobrimento”. No contexto contemporâneo, essa metáfora sugere não apenas uma busca por um novo lar, mas também uma reconstrução identitária que se realiza no encontro com o “outro”, em um espaço idealizado como imaculado e harmonioso, distante das tensões e desilusões do Velho Mundo.

O imaginário dos imigrantes acerca do Paraguai revela uma profunda ressonância com as concepções formadas durante o período colonial, embora manifeste especificidades próprias ao contexto contemporâneo. Sérgio Buarque de Holanda (1969, p. 38) observou que, já no tempo de Colombo, a crença na proximidade do Paraíso Terreal não se tratava meramente de uma sugestão metafórica ou de uma fantasia passageira, mas sim de uma ideia fixa, que se desdobrava em inúmeras variantes e derivações. Essa percepção edênica, que outrora animava os exploradores coloniais, parece ecoar na visão dos imigrantes alemães, que enxergam o Paraguai como um paraíso verdejante, uma terra prometida onde a pureza e a espiritualidade são possíveis de serem resgatadas.

Essa visão, longe de ser uma simples alegoria, reflete um profundo desejo de ruptura com o passado europeu, associado à decadência moral e à alienação espiritual. Hans, um dos imigrantes entrevistados (Entrevista, 2023), exemplifica essa busca transcendente ao afirmar: “Eu vim para o Paraguai por um chamado de Deus, já notava que a vida na Europa

estava impossível, isto é, é impossível viver perto de Deus na Alemanha. Aqui, eu olho para o céu e o vejo límpido, distinto daquele céu cheio de aviões da Europa”. A fala de Hans (Entrevista, 2023) não apenas ilustra uma idealização do espaço geográfico como também expressa uma busca por um espaço espiritual, onde a proximidade com o divino seja mais tangível.

Nesse contexto, a escolha do Paraguai como destino não é casual, mas carrega um simbolismo profundo que remete a uma narrativa de redescobrimto, onde o imigrante se vê como um novo colonizador, não só de terras, mas de uma espiritualidade perdida. Essa construção simbólica revela as complexas camadas de significado que permeiam a experiência migratória, onde o espaço é reconfigurado não apenas como um refúgio físico, mas como um santuário espiritual, um lugar onde a reconciliação com valores antigos, percebidos como puros e autênticos, pode finalmente ocorrer.

Os imigrantes alemães nas Colônias Unidas frequentemente percebem sua presença no Paraguai como um agente de progresso para as comunidades locais, uma visão que ressoa com o discurso das autoridades políticas da região. Essa percepção foi reforçada por declarações como a do ex-prefeito, que em uma entrevista caracterizou os alemães como “mais avançados” em comparação aos paraguaios. Essa visão, que ecoa um imaginário colonial e conquistador, está enraizada em uma lógica de superioridade cultural e tecnológica, que justifica a imigração alemã como um fator positivo para a transformação social no Paraguai.

Hans, um dos imigrantes alemães, exemplifica essa mentalidade ao afirmar: “Aqui há muitas terras e pouca gente”. Sua justificativa para a imigração alemã, longe de ser uma simples observação demográfica, reflete uma visão onde o espaço paraguaio é visto como um território a ser ocupado e civilizado. Essa narrativa, que alinha progresso material com a presença estrangeira, está impregnada de uma ideologia que remonta ao período colonial, onde a ocupação de terras “vazias” por europeus era vista como uma missão civilizadora. Assim, a presença alemã no Paraguai é narrada não apenas como uma migração, mas como um projeto de modernização, onde os imigrantes se veem como portadores de um suposto progresso que beneficiaria o país, enquanto perpetuam uma lógica de dominação cultural com profundas raízes históricas.

A noção de liberdade entre os imigrantes alemães no Paraguai revela dinâmicas que ecoam práticas coloniais. Hans, em entrevista, ilustra essa percepção ao afirmar: “Na

Alemanha, se eu quiser cortar uma árvore que está dentro da minha propriedade, preciso pedir permissão ao governo, e essa permissão provavelmente nem será concedida” (Entrevista com Hans, 2023). Olga complementa essa crítica ao rigor das normas alemãs: “Há regra para tudo na Alemanha. Eu não posso descartar o lixo no dia que me convém; há um dia específico para isso, e, se o fizer fora dessa data, terei que pagar uma multa” (Entrevista com Olga, 2023). Lucas, por sua vez, destaca as dificuldades burocráticas que enfrentou: “Um dia decidi comprar uma moto e tive tantos problemas, havia tantas regras, tantos impostos... Eles tornam nossa vida impossível. Aqui é muito diferente; veja só o calçado que estou usando para pilotar” (tratava-se de um chinelo de dedo) (Entrevista com Lucas, 2023).

Quando comparadas a outras migrações discutidas neste texto, nas quais os deslocamentos podem custar vidas e os imigrantes buscam apenas atravessar uma fronteira em segurança, as reivindicações de liberdade dos alemães no Paraguai parecem superficiais. O que eles descrevem como “liberdade” soa mais como uma demanda por ausência de controle, regras e leis, reforçando o estigma colonialista de que o Paraguai é uma “terra sem lei”. Esse discurso lembra o estudo de Salazar (2023), no qual o autor observa que muitos migrantes europeus, norte-americanos e israelenses em Palomino, Colômbia, alegam experimentar liberdade e independência. No entanto, Salazar argumenta que essa “liberdade” muitas vezes se refere ao livre uso de drogas, um comportamento que, em um país com um histórico de criminalização do consumo de entorpecentes, é para a população local sinônimo de repressão policial e estigma social. Ele denuncia a colonialidade dessas relações ao afirmar que, enquanto os turistas de Palomino desfrutam do consumo livre de drogas, outros, locais, enfrentariam o risco de serem assassinados por ações semelhantes (Salazar, 2023, p. 57).

Essa comparação evidencia como o conceito de liberdade, para esses imigrantes, está profundamente imerso em uma lógica de privilégio e desigualdade, refletindo uma relação de poder que perpetua dinâmicas coloniais. A liberdade que reivindicam não é uma liberdade universal, mas sim uma liberdade para poucos, construída sobre a marginalização e criminalização do “outro”.

Neste texto, concentrei-me em exemplos que evidenciam as dinâmicas colonialistas presentes na mobilidade entre a Europa e a América do Sul, ou, mais amplamente, entre o Norte e o Sul global. No entanto, isso não implica que tais relações de colonialidade estejam

ausentes em migrações intracontinentais. Albuquerque (2005) demonstrou as assimetrias de poder e as formas de exploração exercidas por imigrantes em relação aos nacionais ao analisar os conflitos entre agricultores brasileiros e sem-terra paraguaios.

Argumento que, além da identidade étnico-racial do migrante, sua classe social também desempenha um papel crucial no estabelecimento de relações de poder assimétricas. Em outras palavras, as dinâmicas de dominação e subordinação não se limitam às fronteiras étnico-raciais; elas também se entrelaçam com as hierarquias de classe, moldando de maneira complexa as interações entre migrantes e populações locais. Assim, é fundamental considerar como diferentes formas de pertencimento — tanto étnico-racial quanto de classe — convergem para reforçar estruturas de desigualdade e colonialidade nas migrações, independentemente do contexto geográfico.

E QUANDO OS IMIGRANTES SÃO OPRESSORES?

Os relatos das entrevistas fornecem uma perspectiva reveladora sobre as dinâmicas de poder e as desigualdades entre as comunidades alemã e paraguaia. Alice (2023) descreve um incidente em que, enquanto trabalhava com colegas, a imposição de um banimento ao uso do Guarani por sua supervisora reflete uma forma de opressão cultural: “Um dia, estávamos trabalhando eu e outras colegas e conversando. Quando a nossa patroa entrou no cômodo em que estávamos e disse que estávamos proibidas de falar em Guarani” (Entrevista com Alice, 2023). Por outro lado, Juan (2023) relata um episódio de discriminação explícita e verbal em uma padaria alemã, onde foi confrontado com hostilidade que não compreendeu devido à barreira linguística: “Os alemães são muito preconceituosos com gente escura como nós (apontou para meu braço). Um dia entrei em uma padaria alemã, fui basicamente expulso de lá aos gritos, mas não entendi exatamente o que diziam porque falavam em alemão”. Elsa (2023), teuto-paraguaia, recorda sua experiência em um clube alemão, que proibia a entrada de paraguaios, evidenciando uma prática de segregação social: “Quando eu era jovem, costumava ir a um clube alemão, e lá era proibida a entrada de paraguaios”.

Esses testemunhos sublinham um padrão de exclusão e discriminação que os paraguaios enfrentam em contextos dominados por alemães. Muitos dos entrevistados percebem um desnível de direitos entre eles e os alemães, argumentando que a superioridade econômica dos alemães lhes confere uma sensação de impunidade: “Como eles têm dinheiro, acham que podem fazer tudo e, na verdade, podem mesmo” (Lina, 2023); “O governo

corrupto paraguaio vai vender o Paraguai aos alemães por qualquer moeda” (Entrevista com Roberto, 2023). Essa perspectiva é contrastada pela sensação de injustiça expressa pelos alemães em seu país de origem, onde afirmam que o governo está redistribuindo recursos para os muçulmanos, em detrimento dos próprios cidadãos (Jonas, 2023).

Entretanto, a experiência dos muçulmanos na Europa apresenta uma realidade marcadamente distinta. Esses imigrantes, que enfrentaram deslocamentos forçados e condições de vulnerabilidade social, frequentemente dependem de assistência governamental — a qual é objeto de críticas por parte dos próprios imigrantes entrevistados. Em contraste, os alemães residentes no Paraguai usufruem de privilégios que transcendem os direitos básicos. Essa disparidade é acentuada pelo fato de que muitos alemães no Paraguai conseguem obter documentos, como a cédula de identidade, sem sequer ter pisado no país. Isso se opõe à situação de milhões de indocumentados do Sul Global no Norte Global, que lutam contra barreiras burocráticas opressivas e excludentes. Essa comparação ilustra as profundas desigualdades na experiência de cidadania e na acessibilidade a direitos entre diferentes grupos, evidenciando a complexa dinâmica de poder e privilégio em contextos transnacionais. Essas observações ressaltam as complexidades das relações de poder e as variações nas experiências de cidadania e pertencimento entre diferentes grupos.

Em minhas investigações sobre a percepção mútua entre as comunidades alemã e paraguaia, uma constante temática emergiu: as representações culturais e os valores associados ao trabalho e à identidade nacional. Ao entrevistar os alemães, a autodescrição como “hardworking” (trabalhadores) foi predominante, refletindo um orgulho cultural associado à diligência e à precisão. Esse *ethos* de trabalho árduo e comprometimento foi destacado como uma norma social internalizada desde a infância, uma marca distintiva que os alemães consideram fundamental para sua identidade coletiva.

Contrapõe-se a essa visão o retrato dos paraguaios, que os alemães frequentemente descrevem com os adjetivos “tranquilo” e “mañana”. Esses termos, que podem ser traduzidos como “calmo” e “para amanhã”, respectivamente, carregam conotações de uma atitude relaxada e procrastinadora. Os alemães associam essa abordagem ao que percebem como uma falta de rigor e comprometimento no trabalho dos paraguaios, levando a um desapontamento generalizado com a qualidade do trabalho e a uma sensação de desconfiança e mudança nas práticas de contratação.

Olga clarifica a tensão cultural ao relatar que muitos alemães abandonaram a contratação de paraguaios para construções, preferindo realizar o trabalho por conta própria para garantir a qualidade desejada, o que gerou conflitos e ressentimentos

Quando nós chegamos aqui, muitos alemães contratavam paraguaios para construir suas casas, isso já quase não acontece mais e muitos alemães trabalham para si nisso porque achavam o trabalho dos paraguaios mal-feitos e não queriam pagar e isso gerava muito conflito. Nós alemães somos os melhores do mundo em construção de casas e carros, então imagina nosso nível de exigência. Os paraguaios são mais tranquilos não tem essa cultura do trabalho como a nossa, trabalham um pouco e logo uma pausa para disfrutar do Tereré.” (Entrevistada Olga, 2023)

A visão dos paraguaios sobre si mesmos, por outro lado, reflete uma autoimagem mais positiva e proativa. A adesão ao adjetivo “serviciais” — que implica um espírito de serviço e uma disposição para ajudar — revela uma compreensão de sua identidade coletiva voltada para a assistência e a cooperação. Este ponto de vista é corroborado por relatos como o de Olga, que descreve um episódio em que a comunidade paraguaia mobilizou esforços para ajudar uma família alemã em necessidade, destacando a generosidade e o senso de comunidade entre os paraguaios.

A análise desses relatos revela a persistência de relações coloniais e hierárquicas, nas quais as comunidades são estruturadas de maneira desigual. A percepção dos paraguaios como “serviciais” e o tratamento dos alemães como padrões de excelência e progresso são manifestações de uma dinâmica de poder que perpetua uma visão colonial, na qual os alemães são vistos como agentes de modernização e os paraguaios como assistentes subordinados.

Esse cenário é ainda mais complexo quando considerado o contexto em que essas narrativas se entrelaçam. As visões preconceituosas dos alemães e a disposição dos paraguaios para ajudar, apesar das atitudes discriminatórias, evidenciam um processo contínuo de negociação de identidades e relações de poder. Em última análise, essas interações não apenas demonstram as diferenças culturais e as tensões presentes, mas também revelam a perpetuação de estruturas de poder desiguais que moldam a experiência de ambas as comunidades.

Assim, é fundamental reconhecer que as migrações não podem ser compreendidas como fenômenos isolados, desvinculados das relações históricas e globais de poder entre países. Falar de migração inevitavelmente envolve a análise de fatores interligados como

raça, classe, privilégios e discriminação. Esses elementos estão profundamente entrelaçados com o processo migratório, revelando como as desigualdades globais e as injustiças históricas moldam os padrões migratórios contemporâneos, assim como são perpetuadas através destes. Para entender a migração em sua totalidade, é necessário considerar como essas dinâmicas influenciam as experiências dos migrantes e as forças estruturais que regem seu movimento e acolhimento através das fronteiras.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. 2005. 265 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2005.

ARJANA, S. R. *Muslims in the Western Imagination*. New York: Oxford University Press, 2015.

BBC NEWS. Por que tantos alemães estão imigrando para o Paraguai? *BBC News Brasil*, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61358904>. Acesso em: 28 maio 2024.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREITAS, G. S. P. de. Os efeitos da colonização nos fluxos migratórios contemporâneos da Argélia para a França. *Cadernos de África Contemporânea*, v. 4, n. 7, p. 31–47, 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1969. (Coleção Brasileira, v. 333).

HOLANDA OLIVEIRA, Sindy Gabrielly. Sem vacina, sem impostos e sem mulçumanos: o paraíso verde dos alemães. *Desenvolvimento Socioeconômico em Debate*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 95–110, 2023. DOI: 10.18616/rdsd.v9i1.7851. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/7851> Acesso em: 10 ago. 2024.

KINGSLEY, P.; SHOUMALI, K. Taking hard line, Greece turns back migrants by abandoning them at sea. *The New York Times*, seção World, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/08/14/world/europe/greece-migrants-abandoning-sea.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LAACHER, S. Estado, imigração e delito de hospitalidade. *Revista de Ciências Sociais*, v. 35, n. 1, p. 7–19, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur sur, CLACSO, set.2005, p.107-130.

REZENDE, A. T.; GOUVEIA, V. V.; MOIZÉIS, H. B. C. Crenças em teorias da conspiração: uma aproximação desde a psicologia social. *Interação em Psicologia*, v. 25, n. 1, 27 abr. 2021. DOI: 10.5380/riep.v25i1.61173. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/61173>. Acesso em: 6 ago. 2024.

REY SALAZAR, Daniel. *El mar que se quedó sin playa: Blanquitud, paisaje y turismo en Palomino, Guajira*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) — Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Ciencias Sociales, Bogotá, 2023. Disponível em: <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/63928>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23–72.

SAYAD, A. *The Suffering of the Immigrant*. Cambridge: Polity Press, 2004.

SILVA, K. de S.; PISETA, I. Dois pesos e duas medidas: a projeção da colonialidade nas políticas de migrações e de cidadania na União Europeia. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 13, n. 1, p. 30–60, 29 abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.13084>.

SOUZA, A. R. de S.; SILVA, D. A. M.; CURY, L. O fluxo migratório da América Central para os Estados Unidos via México. In: URQUIDI, V. et al. (Org.). *Estado e lutas sociais na América Latina: sociedade, economia e política*. São Paulo: PROLAM-USP, 2021. v. 2, p. 736–751. (Coleção Pensar e Repensar a América Latina). Disponível em: <https://doi.org/10.29327/524244>.